

AS TRANSFORMAÇÕES NA OCUPAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO SOLO NO COMBINADO AGRO-URBANO DE BRASÍLIA I (BRASIL)

Ana Clara Gonçalves Dourado
anaclara_anita@hotmail.com
Graduanda em Geografia
Universidade de Brasília – UnB - Brasil

RESUMO

O presente artigo realiza movimento reflexivo acerca das transformações na utilização e ocupação do solo no Combinado Agro-urbano de Brasília I (CAUB) - Distrito Federal, Brasil. Dessa forma, objetivamos conhecer a comunidade local e analisar as transformações atuais no CAUB I. Em termos metodológicos o artigo foi desenvolvido pautado em reflexões de âmbito teórico e pesquisa da legislação acerca da ocupação territorial da área de estudo, acrescido de dados secundários. Depreende-se das primeiras observações sistematizadas que, anteriormente, o CAUB I caracterizava-se como um lugar para a produção agrícola onde a população local, morava, trabalhava, agregava renda e alimentação e se sentia importante dentro da comunidade. Atualmente, em decorrência do processo crescente de ocupação o sentido de pertencimento está se perdendo em meio ao interesse financeiro e à especulação imobiliária.

CHANGING THE LAND USE AND OCCUPATION IN COMBINATION OF AGRO-URBAN I BRASILIA (BRAZIL)

ABSTRACT

This article provides reflexive movement regarding the changes in land cover and use the Combined Agro-urban Brasilia I (CAUB) - Federal District, Brazil. Thus, we aimed to know the local community and analyze changes in the current CAUB I. In terms of methodology guided the article was developed in the context of theoretical discussions and research of legislation on the territorial occupation of the study area, together with secondary data. It appears that the first systematic observations, earlier, I CAUB characterized as a place for agricultural production where the local population, lived, worked, aggregated income and nutrition and feel important within the community. Currently, due to the growing process of occupying the sense of belonging is being lost amid the financial interest and speculation.

CAMBIO DE USO DE LA TIERRA Y LA OCUPACIÓN EN COMBINACIÓN DE AGRO-URBAN I BRASILIA (BRASIL)

RESUMEN

En este artículo se proporciona un movimiento reflexivo sobre los cambios en la cubierta vegetal y el uso combinado de Agro-urbano de Brasilia I (CAUB) - Distrito Federal, Brasil. Así, el objetivo de conocer la comunidad local y analizar los cambios en la corriente I. CAUB En cuanto a la metodología guiada el artículo se desarrolló en el contexto de los debates teóricos y de investigación de la legislación sobre la ocupación territorial de la zona de estudio, junto con los datos secundarios. Parece que las observaciones sistemáticas en primer lugar, antes, CAUB caracterizado como un lugar para la producción agrícola, donde la población local, vivido, trabajado, los ingresos agregados y la nutrición y se sienta importante dentro de la comunidad. En la actualidad, debido al creciente proceso de ocupar el sentido de pertenencia que se pierde en medio de los intereses económicos y la especulación.

O presente artigo traz uma perspectiva histórica e atual de um projeto de reforma agrária instalada no Distrito Federal na década de 1980, denominado pelas fases que passou esse aglomerado, onde houve um crescimento, desenvolvimento e investimento, passou pelo esquecimento e decaiu, e hoje está tentando ressurgir, produzir mais e entrar em harmonia com o ambiente a sua volta.

Na Geografia, como na maioria das ciências, há correntes de pensamentos, dicotomias, tais como local/ global, dentre outras, mas aqui o foco é a relação entre urbano/ rural, que na nossa visão não são dicotômicas, como alguns pregam, são continuadas uma precisa da outra e ambas se interagem para o desenvolvimento da sociedade.

Veiga (2004) expõe sobre a relação Cidade/Campo afirmando que existem diversas correntes interpretativas sobre essa relação:

- Oposição entre rural e urbano – campo reflete o atraso, enquanto a cidade mostra o progresso.
- Continuum rural-urbano – a urbanização é responsável por mudanças na sociedade e por aproximar o rural do urbano.

Com o desenvolvimento da ciência vários termos caem em desuso e outros surgem, tais como novo rural, rururbanização, dentre outros.

No Brasil, o conceito de rural ou rururbano, vem ganhando espaço, como referência à urbanização do rural, em função da inclusão de novas atividades econômicas, especialmente as não agrícolas, é a pluriatividade e a multifuncionalidade expandindo. Essas atividades conduzem ao “novo rural”.

Para Schneider (2005) o novo rural envolve atividades que o campo não desenvolvia antes, ou pouco desenvolvia:

- Atividades não agrícolas ligadas à indústria;
- Prestação de serviços diversos;
- Lazer, descanso e residência para a população urbana.

Podemos visualizar o novo rural em ângulos diferentes, todos importantes, cada um da sua maneira:

- Agropecuária moderna – agroindústrias formando os complexos agroindustriais;

- Atividades de subsistência - trabalhadores que cultivam para o próprio consumo;
- Atividades não agrícolas - ligadas ao lazer, moradia, e atividades industriais e de prestação de serviços;
- “Novas” atividades agropecuárias – criação de aves exóticas e ornamentação com espécies vegetais.

Carlo (2005) faz reflexões sobre uma proposta de urbanização, tal como processo que pode ser caracterizado como modo de vida, que através da globalização, o modo de vida urbanizado chega ao campo, com a incorporação de hábitos de consumo urbanos no meio rural, não sendo necessária a existência de uma urbanização física no espaço rural. Além disso, há também a urbanização cultural, presente nos indivíduos e grupos que vivem no rural - que são as urbanidades.

Segundo Roese *“a agricultura urbana é praticada em pequenas áreas dentro de uma cidade, ou no seu entorno (peri-urbana), e destinada à produção de cultivos para utilização e consumo próprio ou para a venda em pequena escala, em mercados locais”* (2003, p.1). No mais freqüentemente não há possibilidade de dedicação exclusiva à atividade e há grande diversidade de cultivos.

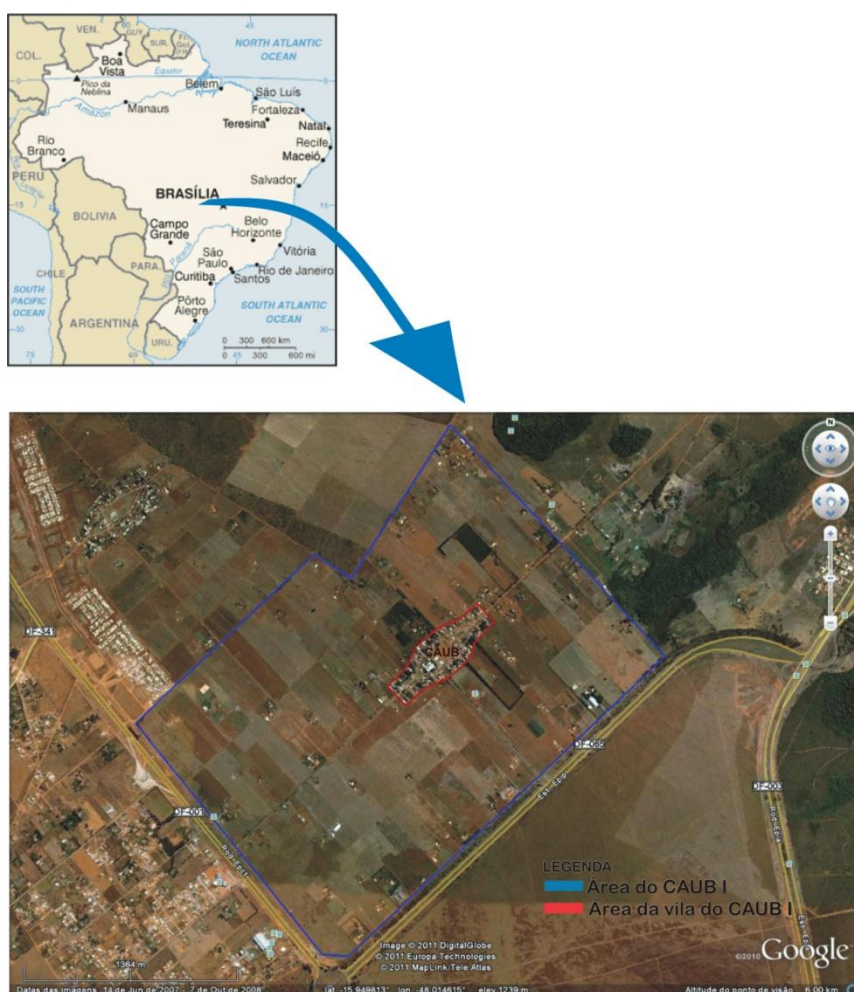
O principal aspecto no qual a agricultura urbana difere da rural é a localização. A agricultura urbana pode ser realizada em qualquer ambiente urbano ou peri-urbano, podendo ser praticada diretamente no solo (em grandes ou pequenas áreas), em canteiros, em vasos, ou seja, em qualquer área que esteja disponível pode ser aproveitada.

Segundo informações dadas no site da administração do Riacho Fundo e foram confirmadas pela associação de produtores e pelo Centro de Ensino Agroubano o Combinado Agro-Urbano de Brasília trata-se de uma proposta de Reforma Agrária para o Distrito Federal implementada no ano de 1986, no governo do então presidente José Sarney ocorreu um projeto de reforma agrária em Brasília junto com o então governador José Aparecido, nas imediações da Granja do Ipê e do Riacho Fundo. Foi através de um plano elaborado pelo ex-senador Mauro Borges e subvencionado pelo secretário de agricultura do DF, Dr. Leone Teixeira de Vasconcelos, para a apropriação de

terras e distribuição de lotes para cem famílias que se deu início a este processo.

Segundo a associação de produtores para concorrer a esses benefícios era necessário o interessado fazer preenchimento de uma inscrição, aproximadamente três mil pessoas disputaram as cem vagas existentes. Quase a totalidade das famílias do CAUB I têm contrato de Concessão de Uso, válido por 15 anos renováveis e atualmente, que estão renovados.

Imagem 1 – Imagem da área do CAUB I



O Combinado Agro-Urbano de Brasília está localizado próximo a confluência da DF-065 e DF-001, o seu acesso vindo de Brasília pode ser realizado pela DF-003, seguindo 3 km pela DF-065 (Estrada Parque do Ipê) em direção ao Gama, virando à direita.

Segundo o site do Centro de Ensino Agrourbano o CAUB 1 (Combinado Agrourbano de Brasília 1) foi fundado em 28 de outubro de 1986 composto por lotes de 1000 m² e chácaras de 6 hectares (lote rural). Inicialmente o projeto visava à exploração econômica das propriedades com plantio de cítricos

(laranjas) em 2,5 hectares da propriedade e no restante a exploração de lavouras de subsistência, as mais diversas. Com o passar do tempo foram sendo agregadas novas culturas, como hortaliças, feijão, milho, mandioca e pecuária suína e bovina, além da criação de pequenos animais, sobretudo aves.

Têm-se belezas naturais proporcionadas pelas nascentes de dois dos mais importantes mananciais do DF: Capão Preto e Coqueiro. Na área que não foi desmatada para a implantação do projeto remanescem diversas espécies nativas da flora do bioma cerrado; tais como: sucupira, jatobá, ipê, jequitibá, pequiizeiro, barbatimão, copaíba entre outras. Além disso, a fauna compreende espécies como tatus, tucanos, araras, macacos, capivara e répteis.

Os dados a seguir foram elaborados por Otto Ribas (s/d), em uma área superior ao do CAUB, no qual esta está incluí tanto o CAUB I e II assim como a ARIE da Granja do Ipê (Área de Relevante Interesse Ecológico da Granja do Ipê) e algumas regiões administrativas.

Imagem 2– Classes de uso do solo e vegetação – 1973

Classe	Área (ha)	%
Mata	723,71	9,03
Cerrado	3849,19	48,06
Campo	1430,13	17,86
Reflorestamento	-	-
Área Agrícola	-	-
Chácaras	-	-
Solo Exposto	2005,90	25,05
Área Urbana	-	-
Total	8008,94	100,00

Fonte: RIBAS, Otto. ARIE da Granja do Ipê – (s/d).

Nesse primeiro período não há dados quanto à área agrícola e chácaras.

Imagem 3 – Classes de uso do solo e vegetação – 1984

Classe	Área (ha)	%
Mata	658,65	8,22
Cerrado	2694,73	33,64
Campo	1218,79	15,22
Reflorestamento	132,71	1,65
Área Agrícola	1677,61	20,95
Chácaras	530,91	6,64
Solo Exposto	1095,54	13,68
Área Urbana	-	-
Total	8008,94	100,00

Fonte: RIBAS, Otto. ARIE da Granja do Ipê – (s/d).

Em 1984, os dados da área agrícola já são significantes, provavelmente houve a diminuição do cerrado, vegetação nativa, e do solo exposto. Em 1986 é fundado o Combinado Agroubano I e em 1990 é fundado o Riacho Fundo 1.

Em 1994 a área agrícola praticamente dobra, em função do projeto reforma agrária instalado em Brasília, esse projeto vem com a intenção de uma vila, o CAUB a tem essa é a área urbana que aparece em 1994.

Imagem 4 – Classes de uso do solo e vegetação – 1994

Classe	Área (ha)	%
Mata	684,72	8,55
Cerrado	1055,21	13,18
Campo	896,13	11,19
Reflorestamento	21,58	0,27
Área Agrícola	3205,46	40,02
Chácaras	853,06	10,65
Solo Exposto	1024,73	12,79
Área Urbana	268,08	3,35
Total	8008,94	100,00

Fonte: RIBAS, Otto. ARIE da Granja do Ipê – (s/d).

Nesse intervalo de tempo, de apenas 5 anos, em função do abandono ao projeto da reforma agrária, pelo governo, os produtores não estavam incentivados e a produção agrícola diminuiu, e as chácaras aumentaram e a área urbana também com o surgimento de um novo parcelamento é o Riacho Fundo 2, em 1995.

Imagem 5 – Classes de uso do solo e vegetação – 1999

Classe	Área (ha)	%
Mata	495,97	6,19
Cerrado	1123,00	14,02
Campo	1123,30	14,03
Reflorestamento	17,05	0,21
Área Agrícola	2082,06	26,00
Chácaras	1768,76	22,08
Solo Exposto	787,30	9,83
Área Urbana	611,46	7,63
Total	8008,94	100,00

Fonte: RIBAS, Otto. ARIE da Granja do Ipê – (s/d).

É fato que não foi feito um estudo, novamente, com esse porte, mas através de entrevistas, dados da associação e de visitas às propriedades, nos leva a crer que hoje, em 2010, a área agrícola é igual ou maior a de 1994, e que a área de reflorestamento aumentou nos últimos anos e a de solo exposto diminuiu.

É nessa região, contudo, que está uma importante unidade de conservação, criada em 1998, a Área de Relevante Interesse Ecológico da Granja do Ipê, ou ARIE do Ipê.

Segundo Ribas (s/d) foi feito um estudo ambiental na área e se identificou uma rica biodiversidade de flora, como grandes jatobás e uma exuberante mata-de-galeria; e de fauna, que inventariou espécies endêmicas e raras – como o tatu-bola e outros. Além disso, registrou a existência de dois sítios arqueológicos pré-coloniais de alta relevância e aprazíveis cascatas, na residência oficial da granja, outrora pertencente ao ex-prefeito Israel Pinheiro, e outras no Córrego Capão Preto, reconhecido local de piqueniques nos fins de semana pelos moradores da região. Foram dignas de registro também a qualidade dos recursos hídricos e a fauna nativa ainda presente.

Há setores que defendem sua destinação rural, outros a imaginam como área de expansão urbana. Há os que defendem a preservação da área, em seu estado natural, por valores ambientais, cênicos e históricos; e os que utilizam os atributos da paisagem por interesses comerciais. Há quem use a área como depósito de resíduos, mas há também quem a planeje como um espaço de produção de conhecimento e saber.

Na área estudada, encontram-se as fitofisionomias de mata localizada ao longo dos córregos Riacho Fundo, Açudinho, Capão Preto, e Ipê, formando corredores fechados nos fundos dos vales e nas cabeceiras de drenagem; de cerrado típico (savana) formado por extratos arbóreo, arbustivo, subarbustivo e herbáceo, de campo, representado por extrato predominantemente herbáceo-arbustivo. Verifica-se a presença de atividades de parcelamento do solo em chácaras e/ou mansões, no local onde hoje se situa o Park Way.

O ano de 1994 houve a intensificação das atividades agrícolas nas sub-bacias dos córregos Ipê e Riacho Fundo. A ocupação da área habitacional do Park Way foi intensificada com a autorização legislativa de implantar condomínios horizontais de até 8 lotes por unidade imobiliária. Verifica-se neste momento, a presença dos núcleos urbanos do Riacho Fundo, situado ao Norte da área, e as vilas dos CAUB's I e II. As áreas degradadas anteriormente encontram-se, nesta época, em fase de regeneração.

Em meados dos anos 90 o projeto inicial foi abandonado pelo governo e ocorreu um processo de descaracterização das atividades de agricultura. Mas

no início da primeira década do século XXI vários produtores rurais retomaram as atividades de agricultura.

O CAUB I hoje é composto por uma área residencial com 100 lotes formando uma vila, cercada de chácaras destinadas à produção agrícola, porém nem todas as chácaras fazem cultivos.

Inicialmente no projeto foi “dado” a cada família um lote na vila e uma chácara na metragem citada anteriormente. Essa estrutura ainda se mantém, mas com uma característica peculiar, pois a maioria as famílias continuam com um lote e uma chácara, mas esse lote é bem maior que lote urbano normal das regiões administrativas circunvizinhas, com o passar de mais de duas décadas as famílias do CAUB cresceram e hoje esses lotes, na vila, possuem duas, três ou mais casas no mesmo lote, muitas vezes são familiares e outras tantas são agregados.

Próximo ao CAUB I tem-se a ARIE Granja do Ipê, que pouco a pouco a população do CAUB está vislumbrando a importância da ARIE para toda a comunidade tanto no âmbito local quanto no âmbito do Distrito Federal, com a preservação da quantidade e da qualidade da água, e da exuberância do cerrado presente na região.

Na vila do CAUB I existem igrejas evangélica e católica, quadra poliesportiva, quadra de areia, parquinho infantil, escola que atende o nível fundamental de 1ª e 2ª fase, ensino médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos), posto de saúde, centro comunitário (onde são feitas reuniões da comunidade e da associação de produtores), galpões a comunidade produz papel reciclável e faz atividades de artesanato em madeira e costura. Há algum tempo a população está pedindo aos governantes um posto policial e transporte coletivo para as Regiões Administrativas (RA's) vizinhas, o segundo pedido foi concedido em 2010, e agora estão se mobilizando para conseguir o posto policial.

Segundo dados da EMATER, divulgados no site do Riacho Fundo II, em 1998 teve-se produção, numa área de 13.832 hectares, quantificada desse modo:

Imagem 6 – Produção agrícola do CAUB I - 1998

PRODUTO	QUANTIDADE
Milho/grão	200 ton.
Pimentão	150 ton.
Cana de açúcar	120 ton.
Hortaliças	20 ton.
Feijão de água e seca	18 ton.
Laranja	10 ton.
Ave (carne)	4 ton.
Ave (ovo)	3 mil dúzias
Codorna (ovo)	20 mil dúzias
Ovinos (carne)	1 ton.
Bovinos (leite)	9 mil litros

Após alguns trabalhos de campo e entrevistas não estruturadas com os moradores, percebe-se que a figura do agregado é crescente. E que dentre as atividades ligadas ao meio rural que são praticadas no CAUB I, hoje podemos citar cultivos de verduras e frutas com/sem agrotóxico, poucos pecuaristas, piscicultura (tanques para pesque e pague) e um haras, centro de treinamento para muares e eqüinos, e um sacolão natural (onde o consumidor colhe o que quer levar para casa).

A partir de informações dadas pelo Centro de Ensino Agroubano, atualmente os produtos mais cultivados são: a abobrinha, a alface, a banana, a cenoura, o cheiro-verde, a couve, o jiló, o milho, a pimenta de biquinho, o quiabo, o tomate e a uva (somente um produtor), como o CAUB é caracterizado por pequenas propriedades, a grande maioria dos agricultores produzem dois ou mais tipos de alimentos para facilitar a própria subsistência e diversificar a produção para desse modo correr menos riscos financeiros.

O escoamento da produção é para o comércio local, para alguns sacolões das RA's próximas e para a CEASA (Centro de Abastecimento de Alimentos) de Brasília.

O CAUB I é um local que tem uma história interessante, que está se desenvolvendo, mesmo com percalços, podemos perceber que a produção está se diversificando cada vez mais, no início o governo incentivou o cultivo da

laranja e de culturas para subsistência, com o insucesso das laranjas e o distanciamento do governo a própria comunidade foi e está diversificando sua produção para assim ter menos riscos financeiros, e maior variedade na própria mesa e venda para o ano todo, não dependendo da sazonalidade dos produtos.

A pressão imobiliária sobre o CAUB e sobre a ARIE Granja do Ipê é crescente, afinal é uma área grande e que muitas pessoas acham que não há nada ali, ou que tem ali pode ser dispensado, não é importante. E em contramão dessas pessoas temos que mostrar para a sociedade a importância do CAUB e da ARIE Granja do Ipê, com todos seus recursos, belezas, produções, e para que isso aconteça é importante que a comunidade do CAUB valorize a ARIE que está próxima e que o grupo de manejo da ARIE veja a comunidade do CAUB como parceiros, contribuintes para a preservação do local.

BIBLIOGRAFIA

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO RIACHO FUNDO 2. **Produção Agrícola**. Disponível em: <
http://www.riachofundoi.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=7315>.
Acesso em: 13 de janeiro de 2011.

CARLOS, Ana Fani. A reprodução da cidade como “negócio”. In: **Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole**. CARLOS, A.F.A.; CARRERAS, C.(orgs.). São Paulo: Contexto, 2005.

Centro de Ensino Fundamental Agrourbano. **Combinado Agrourbano de Brasília**.
[www.oca.idbrasil.org.br/.../Centro de Ensino Fundamental Agrourbano](http://www.oca.idbrasil.org.br/.../Centro_de_Ensino_Fundamental_Agrourbano)>.
Acesso em: 06 de janeiro de 2011.

COSTA, Cléria Botêlho da. **Uma História Sonhada**. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201881997000200007&script=sci_artt e>. Acesso em: 13 de janeiro de 2011.

RIBAS, Otto. **ARIE da Granja do Ipê**. (s/d). Disponível em: <
www.semarrh.df.gov.br/semarrh/site/lagoparanao/cap13/14.htm>. Acesso em: 06 de janeiro de 2011.

ROESE, A.D. **Agricultura Urbana**. 2003. Disponível em: <
<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=112>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2011.

SCHNEIDER, Sergio. A atividade e o desenvolvimento rural brasileiro. In: **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial**. BOTELLO FILHO, Flávio. (org.). Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados. v. 5. N. 17, 2005.

VEIGA, José Eli. “Nem tudo é urbano”, **Ciência e Cultura**, ano 56, n.2, abr.-jun. 2004, PP. 26-29. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v56n2/a16v56n2.pdf>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2011.